

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



PROFISSÃO DOCENTE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FUTUROS PROFESSORES¹

TEACHING PROFESSION: SOCIAL REPRESENTATIONS OF FUTURE TEACHERS

Laeda Bezerra Machado
Thaiz Reis Albuquerque de Castro
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O artigo analisa as representações sociais da profissão docente construídas por estudantes em processo de finalização do curso de Pedagogia. O referencial orientador do trabalho é a Teoria das Representações Sociais, na perspectiva societal de W. Doise. Aplicou-se um questionário a 44 estudantes concluintes do curso de Pedagogia de três instituições (uma pública e duas particulares) de Recife e região metropolitana. Fez-se uma análise de conteúdo, correlacionando semelhanças e variações nas respostas. Os resultados revelaram que os participantes compartilham elementos relacionados ao “mal-estar docente”. Como variações detectou-se entre os estudantes da instituição pública uma carga maior de negatividade e pessimismo para com o curso. Por outro lado, os participantes de instituições privadas revelaram uma maior disposição para o exercício da docência. Os resultados sinalizam para um problema que compromete a educação das próximas gerações. Políticas educacionais não podem ignorar o desânimo e pessimismo dos futuros professores.

Palavras-chave: Profissão docente. Futuros professores. Representações sociais.

Abstract

The article analyzes the social representations of the teaching profession built by students in pedagogy course who are finishing their undergraduate process. The guiding reference work is the Theory of Social Representations, in the societal perspective of W. Doise. It was applied a questionnaire to 44 undergraduating students of the Faculty of Education of three institutions (one public and two private) from Recife and metropolitan region. There was a content analysis, correlating similarities and variations in responses. The results revealed that participants share elements related to "teacher malaise". As variations it was detected among students of public institutions a greater burden of negativity and pessimism toward the course. On the other hand, participants of private institutions showed a greater willingness to keep on teaching. The results point to a problem that affects the education of future generations. Educational policies cannot ignore discouragement and pessimism of future teachers.

Keywords: Teaching profession. Future teachers. Social Representations.

¹ A pesquisa que deu origem a este artigo foi financiada pelo CNPq processo n° 306604/2014-0.



1. Introdução

Este artigo aborda a profissão docente na perspectiva de professores iniciantes na carreira e toma como foco de análise as representações sociais da profissão docente construídas por estudantes em processo de finalização da formação inicial no curso de Pedagogia.

Mesmo admitindo a crescente produção acadêmica sobre o professor em início de carreira no Brasil, como Papi e Martins (2009), Corrêa e Portella (2012), Papi e Carvalho (2013), essa produção está focalizada no estudo de dilemas e desafios enfrentados por professores de Ensino Fundamental e Superior. No que tange aos profissionais em processo de transição, ou seja, na passagem da formação para o exercício profissional, a produção é escassa. Nesse sentido, torna-se relevante um trabalho que focalize o estudante em processo de transição, prestes a assumir a docência. Partimos do pressuposto de que investigações sobre e com os futuros professores podem vir a incentivar a criação de programas de formação nas instituições superiores, bem como favorecer o acolhimento desses novatos nas escolas. Nos estudos já realizados com professores em escolas públicas municipais de Recife (Machado, 2010; 2012; 2014), alguns depoimentos de docentes iniciantes sobre os seus desafios cotidianos, referências negativas à não viabilização da proposta de ciclos de aprendizagem e desejos de assumir outra função que não fosse a docência em sala de aula nos chamaram atenção.

O artigo resulta de uma pesquisa mais abrangente que analisa as representações sociais da profissão docente entre diferentes grupos de professores de Educação Básica que estão em início de carreira. Tratamos sobre as representações sociais da profissão docente construídas por futuros professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil. Nesse trato, procuramos identificar as perspectivas e expectativas profissionais desses estudantes, o que pensam sobre a profissão de professor, principais



desafios e dificuldades da docência relacionados à formação oferecida no curso de Pedagogia.

A base teórica orientadora do artigo é a abordagem societal das representações sociais, que enfatiza a influência social na construção de representações constitui-se como referência pertinente para entender como diferentes grupos de estudantes em processo de finalização da formação inicial em pedagogia representam sua profissão de professor.

A abordagem societal procura articular o individual ao coletivo, interligando explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, evidenciando que os processos dos quais os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais). Essa vertente exige que os objetos de representação sejam analisados com base em quatro perspectivas. A primeira, dos processos *intraindividuais*, procura compreender como se dão as relações dos sujeitos com a realidade e grupos. O segundo nível preocupa-se com os processos *interindividuais e situacionais*, ou seja, procura explicar como os sistemas de interação justificam ou explicam as dinâmicas sociais. O terceiro nível valoriza os processos *intergrupais*, para entender as tomadas de posição dos indivíduos nos grupos e saber como essas posições modulam os processos *intraindividuais, interindividuais e situacionais*. O quarto nível, *societal*, enfatiza os sistemas de crenças, representações, avaliações e normais sociais. Parte do pressuposto de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos comportamentos dos indivíduos e criam as diferenciações sociais, a partir de princípios gerais (ALMEIDA, 2009).

No campo educacional brasileiro, essa abordagem ainda é pouco explorada. Entendemos que, como os futuros professores estão concluindo sua formação em contextos diferenciados, a abordagem é pertinente para o estudo com o grupo.



2. A Teoria das Representações Sociais e a Abordagem Societal

Como foi apresentado, o presente estudo aborda as representações sociais de estudantes concluintes do curso de Pedagogia sobre a profissão docente. A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi originalmente elaborada pelos estudos de Serge Moscovici, em meados da década de 1960, e abrange uma compreensão e explicação aprofundada dos fenômenos sociais, sendo apontada por Sá (1998) como a grande Teoria.

A TRS foi se consolidando ao longo do tempo e dela surgiram “três correntes complementares: uma fiel a teoria (por Denise Jodelet), uma mais sociológica (por Willem Doise) e uma que enfatiza a dimensão cognitivo – estrutural (por Jean – Claude Abrie)” (SÁ, 1998 p. 65-66). Nesta pesquisa, escolhemos analisar as representações sociais à luz da abordagem societal de Willem Doise, para entendermos como diferentes grupos de alunos concluintes do curso de Pedagogia representam a profissão docente.

Segundo Almeida (2009), Doise centrou os seus estudos na intervenção dos sistemas de crenças compartilhadas sobre a organização e o funcionamento cognitivo, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Dessa forma, a autora menciona que a abordagem proposta indica que há um compartilhamento de crenças comuns entre diferentes membros de uma população sobre determinados objetos.

A vertente societal tem como principal protagonista Willem Doise e busca articular explicações no grau do indivíduo e explicações de grau social, mostrando como esse indivíduo dispõe de processos que lhe permitem interagir/viver em sociedade e, de uma forma complementar, como os variados tipos de dinâmicas sociais orientam o funcionamento desses processos.

Almeida (2009) ainda aponta que o estudo de Doise atribui três hipóteses importantes. A primeira reconhece que diferentes indivíduos de uma mesma população partilham efetivamente certas crenças comuns referentes a uma dada relação social – os



elementos consensuais; a segunda destaca que os indivíduos diferenciam entre si nas relações que eles mantêm com essas representações – os elementos de variação. A terceira considera a ancoragem em outras realidades simbólicas, como as hierarquias e categorias de valores entre os e nos grupos e as experiências que eles partilham com o outro – as ancoragens.

A análise das representações sociais nessa perspectiva deve ser vista sob quatro níveis de análise. O primeiro nível focaliza os processos *intra-individuais*, ou seja, a forma como o indivíduo organiza suas experiências com o meio. O segundo nível focaliza os processos *inter-individuais* e considera os indivíduos como intercambiáveis e seus sistemas de interação fornecem os princípios explicativos das dinâmicas. O terceiro nível leva em conta os aspectos *inter-grupais*, nas diferentes posições que o indivíduo ocupa nas relações sociais. E o quarto nível, o *societal*, diz respeito às produções culturais e ideológicas de uma sociedade ou grupo que criam ou dão suporte às diferenças sociais.

Doise também indica que esses processos do indivíduo com outros indivíduos e com o grupo se desenvolvem simultaneamente e as Representações Sociais são importantes para construir a realidade social, modulando-a.

3. Materiais e Métodos

O estudo foi desenvolvido abrangendo estudantes em estágio final da formação no curso de Pedagogia vinculados às instituições públicas e privadas de Recife e Região Metropolitana. Foi realizado um levantamento, através do uso de um questionário estruturado com 12 questões abertas, aplicado junto às instituições para identificar o número de estudantes concluintes. Para construção dessa etapa, foram feitas visitas às próprias instituições de ensino superior a fim de localizar os estudantes de modo a atender os critérios da pesquisa.



Os critérios considerados para seleção dos participantes foram: estarem matriculados no último ano do curso, apresentarem diferentes faixas de idade, estarem matriculados em turnos diferenciados; e, além disso, envolver estudantes que exerciam e aqueles que ainda não exerciam atividades profissionais.

As respostas do grupo participante foram organizadas e discutidas tomando por base a análise de conteúdo. Procuramos correlacioná-las extraindo o que era partilhado e o que variava no intergrupo.

Participaram desta pesquisa 44 estudantes concluintes do curso de Pedagogia de três instituições de ensino superior de Pernambuco, sendo uma pública e duas privadas. O grupo participante foi constituído por 21 estudantes (12 do último período e 9 do penúltimo) da instituição pública do Recife; 18 estudantes do último período de uma instituição privada de Jaboatão dos Guararapes e 5 estudantes do penúltimo período de uma instituição privada situada em Olinda.

Os estudantes da instituição pública eram do sexo feminino, com idades entre 23 a 45 anos. Dez alunas (nove do último período e uma do penúltimo) afirmaram que já atuavam em alguma área da docência, apontando as seguintes funções: Professora (4), Auxiliar (3), Atendimento Educacional Especializado (AEE) (1), Apoio (1), e Educação Não-Formal (1). E outras três alunas (sendo uma do último período e duas do penúltimo) indicaram que atuavam em outras atividades remuneradas, como: Coordenação Pedagógica (1), Serviço de vulnerabilidade social (1), Técnica em Enfermagem (1) e Telefonista (1), sendo essas duas últimas apontadas por uma mesma pessoa.

Do grupo participante da instituição privada de Jaboatão dos Guararapes, apenas um era do sexo masculino. Possuíam idades entre 20 a 58 anos. Oito sujeitos indicaram que já atuavam alguma área da docência, apontando os seguintes cargos: Professor (4), Coordenador Pedagógico (1), AEE (1), Apoio Pedagógico (1), e Técnico (1). E outros sete sujeitos afirmaram que atuavam em outras atividades remuneradas, como: Secretária



(3), Coordenadora (1), Auxiliar de Coordenação (1), Assistente Administrativo (1), e Segurança Patrimonial (1).

As participantes da instituição situada em Olinda eram todas do sexo feminino e com idades de 24 a 36 anos. Uma aluna apontou que já atuava na docência como professora. Outras três estudantes indicaram que atuam em outra atividade remunerada, sendo uma intérprete de LIBRAS e duas não identificadas.

Todos os sujeitos responderam aos questionários em suas respectivas classes das instituições de ensino. Nem todos os sujeitos se mostraram receptivos à aplicação do questionário. Alguns alunos da rede pública apresentaram rejeição à ideia de participar de pesquisa, sob variados motivos, entre eles, o tamanho do questionário e o fato de estarem cansados de participar de tantas pesquisas promovidas pela universidade. Por outro lado, alguns alunos da rede privada, embora também tenham feito observações sobre a extensão do questionário, demonstraram um sentimento de lisonja em participarem da pesquisa. Essa pode ser considerada a primeira divergência entre os grupos.

4. Resultados e Discussão

Como já foi dito, os resultados analisados provenientes da aplicação do questionário nas instituições de ensino superior foram organizados com base nas convergências e divergências presentes nas representações dos sujeitos.

4.1. Os elementos consensuais nas representações

O presente tópico aborda os elementos que são compartilhados ou são comuns pelos sujeitos, sejam eles evocados *dentro* dos grupos, quanto *entre* os grupos dos alunos de ambas as redes de ensino, públicas ou privadas.

4.1.1. Sobre os aspectos que podem vir a influenciar na atuação do professor iniciante



O primeiro aspecto em comum entre as respostas dos grupos de estudantes que estão finalizando a formação inicial em Pedagogia diz respeito aos elementos que podem influenciar a atuação de um professor e que podem vir a se tornar um desafio para o início de sua carreira. Nenhum dos grupos deu prioridade a algum aspecto específico. Nas respostas, referiram-se às questões referentes à relação profissional com os colegas de trabalho, acompanhamento da rotina da instituição de ensino, falta de preparo e de tempo para fazer os planejamentos, falta de estrutura das escolas, desvalorização da profissão docente e do chamado “mal estar docente”. Abaixo destacamos cada um desses elementos.

a) Preconceitos quanto a sua inexperiência profissional:

Sobre a questão de relação profissional com os colegas de trabalho, os sujeitos apontaram que um dos desafios está no preconceito que os colegas mais experientes possuem em relação ao professor iniciante, enxergando-o como um profissional imaturo, incapaz de trazer/executar boas ideias.

Preconceito em relação à idade (se for muito jovem) como se não tivesse credibilidade. (A20-PP-PB) ²

A falta de reconhecimento da instituição por ser um profissional iniciante e também pela falta de habilidade em sala de aula. (A25-PP-PV)

Sobre isso, autores, como Lima et al. (2006), indicam que muitas vezes essa exclusão do professor iniciante por parte da comunidade escolar provoca uma atitude de isolamento dos demais ou de mascaramento das suas inseguranças, tentando passar a

² Nesta pesquisa, os sujeitos foram codificados utilizando-se a letra maiúscula A (significando “aluno”), nº do protocolo (questionário respondido por cada um), seguido das siglas (PP) ou (UP) significando, respectivamente, penúltimo ou último período. Por fim, as siglas indicando se o participante estudava em instituição pública (PB) ou privada (PV).



todos uma certeza que talvez não possua ainda, de forma a tentar fugir desse tipo de preconceito.

b) Despreparo para a elaboração do planejamento das aulas e para acompanhar o ritmo da instituição de ensino e dos alunos

Boa parte dos futuros professores, conforme responderam os participantes desta pesquisa, terão dificuldades para se adaptar ao ritmo da instituição de ensino, principalmente se esses iniciantes não tiverem apoio dos colegas, além de não compreenderem, de imediato, o ritmo dos seus alunos. Também poderão ter dificuldades para planejar as aulas, principalmente se houver um curto tempo reservado para isso.

Conseguir colocar em prática seu conhecimento, o tempo destinado à preparação de suas aulas é curto para que haja um planejamento eficaz do fazer pedagógico. (A02-UP-PB)

Na adequação e adaptação ao ambiente, o professor ainda não conhece o cotidiano escolar. (A44-UP-PV)

Dar conta dos planejamentos, atividades, conteúdos a abordar e outros. (A04-UP-PB)

c) Falta de estrutura das escolas

Além, das questões referentes ao entrosamento com a comunidade escolar, outro fator que pode gerar desafios para o docente é a falta de estrutura da escola, sendo a falta de material para embasar suas ações didáticas e o excesso de alunos dentro da sala de aula os aspectos mais críticos.

Salas super-lotadas. (A23-PP-PV)

Os principais desafios é enfrentar salas lotadas, sem condições estruturais e falta de respeito dos alunos para com os professores. (A06-UP-PB)



d) Desvalorização profissional

Outro elemento presente nas respostas dos participantes foi a desvalorização da profissão docente. Segundo eles, algumas vezes, o professor iniciante pode construir uma boa relação com a escola, os colegas de profissão seus alunos. Entretanto, poderá vir a desistir de sua carreira devido à má valorização da profissão docente e falta de reconhecimento profissional na atualidade. Conforme colocaram em suas respostas, a desvalorização pode vir sob a forma de desrespeito dos seus próprios alunos, amigos e familiares. Também destacaram como elemento de desvalorização a má remuneração do docente no âmbito do sistema público. Destacaram:

Não encontro pontos positivos (na profissão docente), pois a educação está precária e principalmente há falta de reconhecimento dos professores. (A23-PP-PV)

Turmas complicadas, escolas sem estrutura, salários baixos, falta de formação continuada. (A04-UP-PB)

Salários muito baixos para as exigências e responsabilidade. (A06-UP-PB)

Os trechos das respostas são indicadores de aspectos que ocasionam o chamado “mal estar docente”. Estudos, como os de Rausch e Dubiella (2013), revelam que atualmente os professores estão apresentando sua personalidade profissional marcada por sentimentos negativos para com sua profissão. Esse negativismo é denominado de síndrome do esgotamento profissional. Com esse sentimento o docente perde o sentido da sua relação com o trabalho e, na maioria das vezes, o próprio sentido da vida. Conforme declararam nas respostas, os sujeitos desta pesquisa estão cientes de muitos dos fatores negativos da profissão que ocasionam esse mal estar.



4.1.2. Sobre o papel da Comunidade Escolar em “acolher” o professor iniciante

O segundo elemento em comum nas respostas dos grupos de alunos diz respeito ao papel da comunidade escolar, principalmente da equipe gestora, em receber bem esse docente em início de carreira, orientá-lo sobre o funcionamento da instituição de ensino, sobre as características da turma em que vai lecionar, tirar dúvidas a respeito do planejamento pedagógico, ouvir e valorizar suas ideias e propostas, entre outras coisas que sirvam para ajudar nos primeiros passos do professor iniciante.

Passar toda a filosofia da escola. Verificar quais dificuldades o professor encontrou em sala. Fornecer materiais de incentivo para a resolução das dificuldades encontradas. (A42-UP-PV)

Instruir com fidelidade ao perfil da escola e prestação de ajuda ao que se tornar dúvida, conduzindo o trabalho com segurança. (A01-UP-PB)

Primeiramente, apresentar a dinâmica da instituição. Também, aproveitar os conhecimentos construídos pelo profissional durante o curso sem tolher as iniciativas que este venha a ter. Pois é comum os veteranos resistirem ao proposto. (A05-UP-PB)

A valorização do mesmo quanto profissional, confiar na sua prática pedagógica, boa remuneração, qualidade de vida no trabalho. Respeitar os horários do professor, de trabalho, de intervalo e horário de largar, abrindo exceções quando realmente necessário. Incentivar e investir na formação continuada. (A40-UP-PV)

Apoio pedagógico, suporte material, reuniões periódicas para discussão de planejamento e dificuldades, suporte emocional e etc. (A06-UP-PB)

De acordo com Lima et al. (2006 p. 35), na maioria das vezes, o professor iniciante, ao chegar no espaço escolar, “é deixado sozinho, sem apoio. Assim, ou ele desiste ou, para ser aceito, incorpora o discurso da cultura escolar da instituição”. Um dos elementos comuns nas respostas dos sujeitos está o fato de não serem orientados, ouvidos e valorizados como membro da equipe escolar.



Na mesma direção dos estudantes ouvidos nesta pesquisa, Nono (2011) cita Castro (1995) para apontar que os professores iniciantes constroem uma imagem negativa sobre os anos iniciais de seu percurso profissional. Esse negativismo é resultante das situações de isolamento, de apoio técnico-pedagógico e da ausência de comunicação entre os próprios colegas de profissão na busca de soluções para seus problemas. Para superação dessa dificuldade, a colaboração e o trabalho em equipe são fatores que contribuem para manter o ânimo dos professores iniciantes, pois facilitam a confiança e o apoio mútuo.

4.1.3. Sobre as redes de ensino/ níveis/ modalidades

Outro elemento de convergência presente nas respostas dos grupos de sujeitos é em relação às redes, níveis e modalidades de ensino. Durante boa parte das respostas às questões, os sujeitos destacaram diversos elementos negativos que geralmente estão relacionados à rede pública de ensino.

Entretanto, quando questionados se sentiam prontos para atuar numa sala de aula de instituição pública ou privada, eles apresentaram maior desejo de atuar na rede pública, alegando que essa rede garante maior autonomia ao professor, além do forte caráter de militância política da profissão docente. Ao contrário, nas respostas, a rede privada é criticada pelo seu sistema mercadológico que muitas vezes limita as ações do professor.

[...] como não realizei atividades com alunos da rede privada, precisaria conhecer mais sobre a dinâmica de tais escolas para assumir turmas. Porém, tenho resistência em relação ao sistema mercadológico da educação. Prefiro me dedicar à rede pública. (A05-UP-PB)

[...] nunca quis (a escola privada). A maioria explora e você não tem estabilidade e muito menos autonomia alguma. (A09-UP-PB)

[...] durante o estágio que fiz em escola privadas, não me identifiquei. Me senti mais realizada, politicamente, com a rede pública. (A26-PP-PV)



Para os estudantes, não há níveis de ensino mais fáceis que outros. Tudo depende da afinidade do docente, que pode ser com grupos de um nível ou de outro. Alguns ainda reconheceram que há níveis que exigem mais ou menos energia e conhecimento do professor, mas nem por isso podem ser apontados como sendo mais fáceis ou mais complicados. Apesar disso algumas respostas indicaram os anos finais do Ensino Fundamental, precisamente entre os 3º e 5º ano, como os mais difíceis.

Eu prefiro, no meu caso, optar pela Educação Infantil, ao invés dos anos 3º ao 5º do Ensino Fundamental. (A27-UP-PV)

Não, não há nível mais fácil. [...] 4º e 5º anos são mais difíceis. (A02-UP-PB)

A Ed. Infantil (mais fácil) pela perspectiva sócio-interacionista que é bastante presente nas atividades. E os últimos anos do E.F., porque já são pré-adolescentes e em sua maioria não respeitam o professor. (A06-UP-PB)

4.2. Os elementos de variação nas representações

O presente tópico apresenta duas formas de variações nos discursos dos sujeitos abordados na pesquisa. Há a variação *dentro* dos grupos, ou seja, alunos de uma mesma rede de ensino apresentam divergências de opiniões. E há a variação entre os grupos, na qual os dissensos estão no confronto entre discursos de alunos de redes de ensino diferentes.

4.2.1. Sobre os aspectos que podem vir a influenciar na atuação do professor iniciante

A falta de respeito dos alunos e a ausência dos pais na vida escolar dos filhos foram apontadas apenas nas respostas do grupo de estudantes vinculados a instituições privadas. Esses elementos foram indicados como motivos que influenciam a atuação inicial de um professor e podem constituir desafios no início de sua carreira.



A falta de disponibilidade dos pais e a falta de interesse dos alunos.
(A22-PP-PV)

A participação familiar na relação com a escola. Dificuldade de lidar com pessoas, com visões diferentes, relações interpessoais. (A26-PP-PV)

A meu ver entendo como a grande dificuldade hoje para o profissional que está iniciando sua carreira o descontrole emocional seguido do desrespeito por parte de alguns alunos e a falta de interesse da família.
(A28-UP-PV)

Como discutido anteriormente, os elementos desta categoria estão caracterizados como fatores que causam o chamado mal-estar docente. No que diz respeito a este aspecto particularmente levantado pelos alunos das instituições privadas, podemos dizer atualmente que a família está abrindo mão de sua responsabilidade educacional, ausentando-se na vida escolar dos seus filhos. No entanto, essa mesma família exige um bom desempenho escolar das suas crianças, essa posição assumida pelas famílias contribui para aumentar de responsabilidades e exigências em relação ao professor que certamente contribuem para aumentar seu mal-estar docente (RAUSCH & DUBIELLA, 2013).

4.2.2. Sobre a importância da formação inicial no curso de Pedagogia para a atuação do professor iniciante

Uma das indagações feitas no questionário foi se a formação inicial ofertada no curso de Pedagogia constitui um subsídio importante para a sua atuação no ingresso à carreira docente. Esse ponto resultou em divergência de opiniões *entre e nos* grupos.

Primeiramente, os estudantes de instituições privadas reservaram elogios à sua formação inicial e alegaram que, graças a ela, se sentem aptos para assumirem uma sala de aula de uma escola pública e/ou privada.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sim. Ao longo destes anos busquei aproveitar ao máximo as instruções que foram passadas. (A22-PP-PV)

Sim, pois passamos por diversas dinâmicas durante o curso a respeito de como lidar com o processo educacional na sua integridade e na sua complexidade. (A26-PP-PV)

Sim. No meu parecer, a faculdade obteve uma boa grade disciplinar, cumprimentos de estágios que foram de suma importância. (A27-UP-PV)

Sim. Não só prepara, como ajuda a entender certas situações que possivelmente enfrentaremos. (A30-UP-PV)

Por outro lado, os estudantes da instituição pública criticaram sua formação inicial e a maioria respondeu que ainda não se sente pronta para atuar na docência.

Não. Porque é um curso com muita base teórica, muito sonho, muita contradição com o mundo real. (A01-UP-PB)

Não. Porque as experiências que o curso proporciona é para apenas planejamento de 3 a 4 dias de aula. E não um acompanhamento da realidade em sala acompanhando o professor de perto. (A03-PP-PB)

O curso desta instituição não prepara para sala de aula, é mais para professor pesquisador. A primeira dificuldade é a falta de experiência. (A08-PP-PB)

Mesmo com as críticas negativas à formação, alguns dos estudantes da instituição pública que já atuam na docência apresentaram menos rejeição à formação inicial oferecida pelo curso de Pedagogia, demonstrando tentativas de articular a teoria à prática. Eis algumas dessas respostas:

Sim. Nem tanto pelas teorias vistas durante a graduação, mas pela prática que já venho exercendo e fazendo a junção da prática + teoria... é claro que o contexto varia, a realidade também. (A09-UP-PB)



Sim. Por já ter prática há 15 anos. Agora com o término do curso, posso associar a prática à teoria, na construção do processo educativo. (A02-UP-PB)

Outros estudantes da instituição pública fazem críticas ao currículo do curso de Pedagogia, nas respostas apontam falhas quanto à forma como ele está estruturado, desde a oferta de algumas disciplinas até a falta de opções entre os turnos.

Não prepara não. [...] Ainda porque o (turno) noturno é pra EJA. (A08-PP-PB)

[...] A grade curricular também não está organizada de uma forma que possamos aproveitar melhor as disciplinas. (A12-UP-PB)

Do ponto de vista teórico sim, mas algumas eletivas deveriam ser obrigatórias. (A18-PP-PB)

Perrelli, Teixeira, Nogueira & Rebolo (2013) enfatizam que ninguém nasce professor, portanto a formação é algo indispensável. As autoras focalizaram nos seus estudos com alunas, concluintes do curso de Pedagogia, os elementos que contribuem com o processo de aprendizagem da docência e favorecem a formação de professores. Entre esses elementos destacam as alunas assimilarem que a preparação para a prática docente não se encerra no curso de formação inicial, mas, que é contínua, prossegue ao longo da carreira, no ambiente de trabalho do professor. Revelam que, de acordo com o grupo que estudaram, muitas vezes, é nas situações cotidianas em sala de aula que se validam importantes contribuições teóricas oferecidas no curso.

4.3. As representações sociais sobre a profissão docente



Com base no material que foi analisado, detectamos alguns elementos compartilhados nas respostas dos dois grupos que podem indicar possíveis representações sociais acerca do ser professor e do início de carreira docente.

4.3.1. Sobre o início de carreira docente

Os grupos de sujeitos apontaram diversos aspectos que podem influenciar a atuação do professor, principalmente em seu início de carreira, esses pontos foram discutidos nos tópicos apresentados anteriormente. Além disso, esses aspectos foram reforçados quando os sujeitos foram levados a refletir individualmente sobre como imaginam que será seu próprio início de carreira. Pelas respostas, ficou evidenciado que a representação de professor iniciante que ambos os grupos relacionam-se a aspectos de descobertas, desafios e conquistas sob a forma de aprendizados.

Já iniciei a minha carreira docente. Os meus primeiros anos foram difíceis, pois a escola pública que trabalhei era muito desorganizada. (A04-UP-PB)

Imagino que serão cercados de dificuldades e conquistas, que me esforçarei para desempenhar cada dia um trabalho melhor. (A07-UP-PB)

O fato de ter estagiado em coordenação pedagógica, acredito que será bastante complicado no primeiro ano, mas após a adaptação e ganho de experiência nos anos seguintes será melhor. (A19-PP-PB)

Seriam enfrentados com dificuldades e desafios. (A31-UP-PV)

Acredito que serão anos de experiência prática, onde realmente me identificarei com a docência através da convivência com os alunos. (A34-UP-PV)

Desafiador por procurar sempre dar o melhor. Conquistador por tentar e conseguir dar sempre o melhor. (A43-UP-PV)



De acordo com Hubermann (1995), o ciclo de vida dos professores pode ser definido em diferentes fases vivenciadas por eles ao longo da sua carreira profissional. É considerado professor iniciante aquele que se encontra nos três primeiros anos de sua carreira, e que está consolidando a sua prática profissional. O autor ainda aponta que estes primeiros anos são marcados por períodos de descobertas e entusiasmos, que, ao final, irão ser decisivos para que este docente decida seguir ou não com sua carreira.

4.3.2. Sobre o “ser professor”

Observamos que os estudantes de ambos os grupos destacaram em suas respostas que ser professor é: enfrentar diversos desafios e obstáculos cotidianamente; promover a aprendizagem dos alunos e sua formação cidadã através de trocas e mediação de conhecimentos.

Ser professor significa passar conhecimento aprendendo todos os dias com os alunos fazendo a troca de conhecimento entre ambos. (A37-UP-PV)

Ser uma pessoa que tenta e procura apesar dos pesares vencer os desafios mas acima de tudo apaixonado. (A43-UP-PV)

Formar cidadãos críticos estudantes que pensem e possam transformar o mundo. Educar não apenas conteúdos, mas para a vida. (A30-UP-PV)

Mediador do conhecimento. Tanto ensina quanto aprende com os próprios alunos; aprendizagens do âmbito escolar e do dia a dia. (A01-UP-PB)

Ser professor hoje significa dá continuidade ao processo transformador a sociedade em um modelo mais igualitário e justo. (A05-UP-PB)

E acreditar que você pode fazer a diferença sem focar nos obstáculos para não desacreditar de vez. (A09-UP-PB)

Novamente é visto o elemento *desafio* nas respostas dos participantes, mas ainda assim reconhecem a formação humana, como o ponto mais positivo da profissão. Formar



peessoas, cidadãos, apareceu nas respostas sobre o ser professor como um elemento que se sobrepõe a todos os obstáculos. Pesquisas como a de Braz (2006), também realizada com estudantes de pedagogia, indicam que a função do professor está não somente em adaptar o aluno à sociedade, como também educá-lo integralmente para a vida.

Conclusões

Podemos considerar que na representação de estudantes concluintes do curso de Pedagogia de instituições pública e privada, a profissão docente é uma profissão difícil, cheias de obstáculos e desafios a serem ultrapassados pelos docentes, principalmente aqueles em início de carreira.

Nas respostas indicaram dificuldades para apontar pontos positivos dessa profissão, pois para alguns deles são praticamente inexistentes. O prazer para com a docência se restringe atualmente à possibilidade de mediar aprendizagens. Ser professor é trocar conhecimentos com os alunos, é ensinar e aprender, é amar o que faz, é formar seres humanos, cidadãos atuantes na política para consolidar um país melhor.

Reconhecemos que, já no processo formativo, os futuros professores estão pouco atraídos para o exercício da profissão. Também trazemos indagações sobre a maneira como o mal-estar docente já se manifesta precocemente nos futuros professores. O fato de os alunos serem inseridos parcialmente no ambiente escolar desde o início do curso de pedagogia pode estar antecipando o esperado “choque de realidade”.

A pesquisa sinaliza para um problema que compromete a educação das próximas gerações. Políticas educacionais e de formação de professores, em particular, não podem ignorar tal problema.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Referências

- ALMEIDA, A. M. Abordagem Societal das Representações Sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, 2009.
- BRAZ, A.M.G. Terias Implícitas dos estudantes de Pedagogia sobre a docência nos anos iniciais do ensino fundamental. *Tese de doutorado em Educação*. Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFRN. Natal, RN, 2006.
- GARCÍA, Marcelo Carlos. *Formação de professores para uma mudança educativa*. Porto: Porto, 1999.
- HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. p. 31-61.
- LIMA, E.F. (Org). *Sobrevivências no início da docência*. Brasília: Liber Livros, 2009.
- MACHADO, L. B. Aproximações em torno da zona muda das representações sociais de ciclos aprendizagem entre professores. *ETD – Educação temática digital*. Campinas, SP v.14 n.2 p.186-201 jul./dez. 2012
- MACHADO, L. B.; ANICETO, R. de A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. *Ensaio: aval. e pol. Pub. em educação*. RJ, v.18, n.67, 2010. p.345-363.
- NONO, M.A.. *Professores Iniciantes: O papel da escola em sua formação*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- PAPI, S. e MARTINS, P. Professores iniciantes: as pesquisas e suas bases teórico-metodológicas. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 14, n. 27, p.251-269, jul./dez. 2009.
- PAPI, S. O. G. CARVALHO, C. B. Professores iniciantes: um panorama das investigações brasileiras. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, 16 (1): 185-202, 2013.
- PERRENELLI, M.A.S.; TEIXEIRA, L.R.M.; NOGUEIRA, E.G.D. & REBOLO, F.. Narrativas do início da docência: uma investigação-formação com alunas concluintes de um curso de pedagogia. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.4, n.10, p.35-46, 2013.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



RAUSCH, R. B.; DUBIELLA, E.. Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 1041-1061, set./dez. 2013.

SÁ, C.P.. *A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

Sobre as autoras

Laeda Bezerra Machado

Professora Associado vinculada ao Depto. de Administração Escolar e Planejamento Educacional Centro de Educação. UFPE, Recife-PE; Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: laeda01@gmail.com

Thaiz Reis Albuquerque de Castro

Estudante do Curso de Pedagogia Centro de Educação-UFPE, Recife-PE; E-mail: thaizcastro@hotmail.com.

Recebido em: 03/06/2016

Autorizado a publicar em: 20/06/2016